

# CIDADE ABERTA

PEDRO MAIA



## Agressão à memória das ferrovias no Estado

**M**ais uma séria agressão a memória do Espírito Santo está em vias de ser perpetrada pela Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT) que determinou a desativação de vários trechos ferroviários espalhados pelo País de acordo com matéria divulgada por **A Tribuna** e confeccionada pelo jornalista Alessandro de Paula, correspondente do jornal em Cachoeiro de Itapemirim.

Entre estes trechos está incluído o que liga Vitória ao sul do Estado que é uma das mais antigas ferrovias do Brasil e possui em seu percurso notáveis obras de engenharia ferroviária (túneis e viadutos) considerados um dos mais arrojados e ousados projetos na época em que foram construídos.

No início do século passado esta linha férrea foi adquirida pela “Leopoldina Railway” que a estendeu até o Rio de Janeiro, então capital do País, passando a ser o mais importante meio de transporte de cargas e passageiros entre o Espírito Santo e o Sul do País. Com o advento das estradas de rodagem, foi sendo paulatinamente relegada ao abandono mantendo até nossos dias toda a exuberância das paisagens das montanhas em seu entorno.

Viajar de trem no Espírito Santo sempre foi uma coisa meio romântica que durou até meados do século passado e quem conheceu o percurso ligando Vitória ao Rio de Janeiro sabe muito bem disso. Porém, não era só romantismo que pontificava nessas viagens.

Muita coisa curiosa acontecia durante o trajeto e o trem tinha seu mundo próprio, com população móvel se balançando nos vagões, nas idas e vindas entre uma estação e outra. Tinha, por exemplo, o jornaleiro, que ia até o meio do caminho e voltava em outra composição. O pessoal que trabalhava no vagão-restaurant também era remanejado do mesmo do mesmo modo.

Entre Vitória e Rio de Janeiro o trem foi, em certa época, o mais importante meio de transporte de passageiros. Este saudoso “noturno” era sempre aguardado com expectativa e a velha Estação da Leopoldina, em Paul, fica-

va lotada nos horários de embarque e desembarque. O “noturno” saía de Vitória pela manhã e chegava ao Rio nas primeiras horas da noite seguinte. Ocorre que eram quase vinte e quatro horas de viagem e por isso mesmo o trem era denominado “noturno”.

A bordo destes trens verdadeiros mestres da malandragem de então agiam com invejável sucesso usando dos mais habilidosos truques e das mais variadas maneiras para arrancar o dinheiro dos passageiros desprevenidos.

Formavam rodas de jogo para “passar o tempo”, vendiam cortes de panos “importados”, se faziam passar por comerciantes interessados na compra de propriedades e até batinas de padres usavam para alcançar o fim comum, que era depenar o “pato”.

Sobre o assunto vale registrar que o mais habilidoso destes vigaristas de trem foi o nortista conhecido como “Zé do Bode”.

Ele aplicava um certo tipo de golpe que dava resultados e poucas encrencas: usava vários disfarces e escolhia suas vítimas cuidadosamente. Então entabulava um papo qualquer e enchia o coitado com doses de um sonífero ad-

cionado em repetitivos cafezinhos amigáveis. Quando o “otário” se apagava ele tranquilamente fazia a limpeza, chamando o outro de “titio” e justificando que por precaução ia tirar seus valores e guardar para “não atrair ladrões”.

Depois desembarcava na próxima parada, removia a maquiagem e aguardava o outro trem. Nunca deu bronca e o próprio “Zé do Bode” afirma que nunca chegou a ser reconhecido por nenhuma de suas vítimas.

Como se vê, eram bem pitorescas aquelas viagens...



**Viajar de trem no Espírito Santo sempre foi uma coisa meio romântica que durou até meados do século passado**